

# Missões em Azaré – Lou Mello

## Lindos campos, rios e montanhas

Lou on March 24th, 2007

Abertura - Roteiro de Viagem

O grande dia está chegando. Portanto já iniciei o processo de viagem. Hoje, às 14:00 pm, hora local, embarco na plataforma 04 da Imensa Estação Rodoviária de Sorocaba, rumo a Azaré. A empresa selecionada é a Viação Auto-Ônibus Santa Edwirges. Infelizmente é a única empresa com um horário diário que cobre a rota Sorocaba – Azaré. A viagem está programada para cobrir os 160 kms, pela rodovia Raposo Tavares, em quatro horas, se tudo correr bem como informou-me a gentil Rosalira, funcionária efetiva da Santa Edwirges.

Claro que preferiria fazer a viagem em jato fretado (Learjet), mas o pessoal da Igreja anfitriã não deu sinal verde para a idéia. Outra opção seria sair de Viação Cometa em direção a São Paulo e descer em algum ponto da Rodovia Castelo Branco, onde houvesse local seguro para atravessar as seis faixas de rodagem, em dois sentidos e tomar um dos ônibus das duas empresas que cobrem a rota São Paulo – Azaré de hora em hora. Essa opção poderia encurtar a viagem em cerca de hora e meia, mas o gentil e amável pessoal da Igreja de Azaré considerou o fator conforto do palestrante e vaso escolhido de Deus, além da economia, e decidiu pelo ônibus da Santa Edwirges, mesmo.

A chegada em Azaré está prevista para algo em torno das dezoito horas. Segundo o pastor Wagnor (autor do convite), devido ao anúncio realizado pela subsidiária da Rede Globo de Televisão, há grande expectativa em relação à minha chegada na cidade. Ele me alertou para a possibilidade da Banda da Polícia Militar local ser deslocada para a Superior Estação Rodoviária de Azaré, a fim de abrilhantar o meu desembarque. Outra possibilidade é haver palanque onde discursarão o prefeito, o juiz, o promotor público, o delegado geral de polícia e o pastor emérito da Primeira Igreja Batista de Azaré, que ganhou no par ou ímpar do pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, em Azaré. O último, depois do resultado da peleja dedal, teria decidido enviar um de seus presbíteros para falar algo em seu lugar. Com sorte e ajuda pessoal do Espírito Santo, sairei da estação antes das 21 horas.

Depois de uma rápida passada pelo Grande Hotel do Largo da Matriz, onde espero tomar um banho rápido, renovar o desodorante e trocar de roupa, o Pastor Wagnor e todo o comitê de recepção (com direito a prefeito incluso) me recepcionarão com banquete na Pizzaria Rodízio Nossa Senhora Aparecida, no Largo da Matriz. Depois desse evento, a previsão é descanso.

Ainda não disponho do programa de domingo. Sei que minha exposição Bíblica está prevista para o horário matinal e que, em domingos normais, os trabalhos na Igreja iniciam-se às 09:00 am.

Claro que não haverá postagem densa no domingo (pois estarei em Azaré). Deixarei algum “tapa buraco” para não decepcionar os visitantes desavisados. Na segunda-feira voltarei com

todo o relato. Incluirei minhas impressões sobre a linda viagem pelos lindos campos, rios e montanhas da região.

Se eu fosse você não perderia isso, por nada.

### *Santa Edwirges, rogai por nós*

Lou on March 25th, 2007

#### Primeiro Ato - A viagem de Ida

Pontualmente à 01:50 pm, estava na plataforma 04 da Grande Estação Rodoviária de Sorocaba, o que não adiantou muito, já que o ônibus da Santa Edwirges estacionou às 02:40 pm. Depois de ter minha passagem picotada pelo motorista, um senhor alto e mal encarado, subi no coletivo e dirigi-me à poltrona 35, a mim destinada. Nela havia um crioulo enorme, tendo a seu lado uma dama crioula gorducha que supus fosse sua companheira. De qualquer jeito olhei firme para o homem, que sentado era da minha altura, e falei duro olhando em seus olhos:

- “O senhor está ocupando o meu lugar.”

Sem perder a calma, ele abriu a boca, ocasião em que percebi a falta de todos os seus dentes frontais, e me disse com tranquilidade:

- “Aqui na Santa Edwirges não tem essa de lugar reservado, a gente senta onde acha lugar.”

Por razões óbvias, achei melhor não esticar o assunto. Olhei em volta à procura de outro lugar e percebi haver dois. Um no meio do ônibus do lado esquerdo, onde uma senhora enorme de gorda estava ocupando o assento junto à janela e outro lá na frente à direita. Sem titubear, segui em direção a essa última opção, ao me aproximar notei que o cavalheiro, sentado ali, estava dormindo e ocupava os dois assentos do banco. Pela cor do vômito, no chão e em suas roupas, percebi que ele ingerira grande porção de vinho barato. Então, cabisbaixo, retornei ao assento ao lado de D. Elisabeth.

Eu estou pesando 110 kgs, e engordando. D. Elisabeth devia pesar uns 160 kgs, mais ou menos e estava fazendo um lanchinho, naquele momento. Pelo aspecto e aroma, era sanduíche de mortadela. Com grande esforço sentei ao lado dela. Embora o apoio para o braço estivesse delimitando os dois lugares, o ante-braço da D. Elisabeth estava ocupando uns 30 cms do meu espaço, sobre o apoio braçal. Cumprimentei a obesa anciã com um efusivo “Boa tarde” que ela não respondeu e continuei a manobra de sentar, ao fazê-lo, por algum motivo desconhecido, fui afundando até ficar com meus olhos abaixo do ombro de D. Elisabeth.

Com isso, fiquei sem qualquer visão da paisagem ao meu lado esquerdo, exceto a montanha de banha da distinta “lady”. Imediatamente, olhei para as janelas do lado direito e me dei conta que todas tinham as cortinas fechadas, por duas razões: 1) o sol

devia estar batendo daquele lado e 2) os ocupantes daqueles assentos estavam dormindo. Não sei o que acontece com as pessoas que viajam de ônibus, não importa o dia ou a hora, elas dormem. Com isso, a conclusão não podia ser outra: estava impedido de apreciar a linda paisagem de vales, rios e montanhas, ao longo da viagem. A temperatura dentro do ônibus devia estar na casa dos 35° e ao lado de D. Elisabeth parecia estar além dos 40°.

Fim do primeiro ato - continue lendo nos próximos dias.

### *Dona Elisabeth, afastai de nós*

Segundo Ato - A viagem de ida II

Lou on March 27th, 2007

Nesse instante, o ônibus da Santa Edwirges iniciou a operação de partida. Os primeiros vinte ou trinta minutos correram razoavelmente bem. D. Elisabeth terminou o lanchinho dela deixando cair ao chão o saquinho de supermercado que embrulhava o sanduíche. Tomou uma garrafa de água em um gole só e tome garrafa no chão. Percebi haver muitos outros detritos além desse, ali. Então sorri para ela e perguntei:

- Então. D. Elisabeth, a senhora está indo para Azaré?

- Não. Eu não me chamo Elisabeth, meu nome é Matilde.

- Verdade? Eu juraria que seu nome era Elisabeth. A senhora tem cara de Elisabeth.

Ela não disse nada, mas me fuzilou com um olhar terrível. Fiz que não percebi e continuei:

- Estou indo para Azaré. Amanhã farei uma palestra no encerramento do mês de Missões, na Igreja da cidade. Parece que vai haver muita gente para assistir. Anunciaram pela Globo. Imagine.

A isso, ela deu de ombros. Jogou a cabeça para o lado da janela e fechou os olhos. Percebi que o papo acabara. Olhei para o lado direito e vi o cidadão ao meu lado sorrindo para mim. Era um senhor simples com a roupa bem amarrotada, barba por fazer e cheirando suor de três ou quatro dias, mas com cara de simpatião. Então fui logo contando tudo de novo para ele sobre a minha viagem para Azaré. Sorrindo ele estava e sorrindo continuou, sem dizer palavra. Papo encerrado.

Percebi que ler não seria uma opção por absoluta falta de espaço. Então decidi pensar no dia seguinte, fantasiando minha performance no púlpito daquela amada igreja. Lembrei da possibilidade da banda estar me aguardando junto com as autoridades, ia ser uma grande curtição. Acho que se passaram mais uns quarenta minutos, enquanto sonhava acordado. O ônibus acabara de fazer uma segunda parada em uma das cidadezinhas de beira da estrada. D. Elisabeth roncava alto, naquele momento. De repente, ouvi um barulho estranho, parecia que o acento da opulenta senhora estava se rompendo. Entretanto, seguiu-se ao barulho o pior odor que já havia inalado em minha vida. Custei a admitir que era mesmo aquilo que estava pensando. Enquanto demorava para

processar toda essa informação, outros sons mal cheirosos seguiram-se ao primeiro e cheguei ao limite. Dei um salto levando o antebraço de D. Elisabeth comigo. Ela acordou e de bate pronto gritou:

- O que é isso que o senhor está fazendo?

Não consegui responder e ela emendou:

- Não tem vergonha não? Um pastor ficar peidando desse jeito. Quem vai agüentar ficar nesse ônibus agora, com esse fedor? Porco, sem vergonha!

Fiquei perplexo. Olhei para os outros passageiros, nessa altura acordados e todos estavam abanando as mãos na frente do nariz. D. Elisabeth continuava gritando histérica:

- Sem vergonha! Sem vergonha!

Nessa altura ninguém sabia mais se eu tinha só soltado os gases ou passado a mão nela, sei lá a onde. Tratei de não olhar para mais ninguém, exceto para o cavalheiro cheiroso da minha direita, pois ele estava falando com alguém ao celular e tive a impressão de ouvi-lo pronunciar a palavra pastor umas três vezes, pelo menos. Pronto, a notícia já havia vazado para fora do ônibus.

Claro que não sentei mais do lado da D. Eloá. Fiquei em pé, mas do lado da mesma poltrona, pois não havia como ir para frente onde estava o do vinho e nem para trás, porque todos haviam cruzado as pernas para o meio do corredor e era impossível passar. D. Elefanta dormiu de novo e o processo anterior continuou acontecendo. Vira e mexe eu via os caras abanando a mãozinha e olhando em minha direção. Felizmente, em uma das paradas seguintes, um casal que estava sentado lá atrás, desceu. Mais que depressa tomei posse do lugar. A partir daí a viagem seguiu, mais ou menos, calma. Recuperei a visão da paisagem ridícula daquelas paragens horrendas, através da janela que tomei o cuidado de abrir completamente, o espaço ficou adequado e pude sacar meu livro. Só as mãos abanando continuaram a me incomodar, além do cheiro que inundara o coletivo inteiro e do calor infernal, apesar do vento recém adquirido em meu novo lugar.

Naquela hora bem que pensei coisas do tipo: o Caio, na época boa, não aceitava ir se não fosse de jatinho. Garanto que a turma do Tonicodemus, o Fed e o Gordim não embarcariam numa geringonça dessas, de jeito nenhum. Só eu e o Nivaldo Nassif, mesmo. Isso é o que dá querer bancar o humilde. Se não nos valorizamos, essa será a nossa paga. Aquela cambada de azarentos, não é a toa que são de Azaré. Espero que esse idiota, que estava fazendo ligações com o celular, não conheça ninguém lá da igreja de Azaré. Essa notícia cairia feito uma bomba, lá. Depois do estrago feito, seria muito difícil consertar as coisas. Bom, Deus não permitiria que algo assim acontecesse com o grande servo dele, certamente. Mantereí a minha fé inabalável. Ai que medo!

Claro que todos os passageiros acabaram percebendo que a flatulenta era a gordona e não eu e que não encostei nela, exceto no antebraço dela, ao levantar de sopetão, mas isso não mudaria o meu futuro próximo, como veremos logo a seguir.

## *Vou de Mototaxi*

Terceiro Ato - Sábado à noite

Lou on March 28th, 2007

Cheguei à Azaré às 08:10 pm. Fiz questão de dar uma última olhada fulminante na direção da porca da D.Elisabeth, mas ela se fez de difícil e desviou o olhar noutra direção. Notei que o cheiroso e sua acompanhante saíram juntos com rotunda. Não havia ninguém naquela Rodoviáriazinha, mixuruca que só. Nem o incompetente do pastor. Muito menos banda e autoridades. Tive que usar meu cartão telefônico para ligar ao cara:

- Alô, quem fala?

- Pastor Wagnor.

- Wagnor, sou eu. Estou aqui na rodoviária.

- Ah, sei. Aí tem os mototaxis. Pega um e mande ele trazer você aqui na Igreja. A diretoria está reunida e eu não tenho como sair daqui agora.

- Está certo, farei isso.

Bela roba, como é que poderia subir na garupa de uma moto honda 125 com meu peso atual de 110 kgs, mais mochila, pasta de trabalho e o pacote do presente da Maire (que a minha mulher recomendou muito para não amassar). Então, peguei um táxi de verdade, mesmo. Fazer o que? O motorista muito bem humorado me levou até lá. Notei que ele abriu todas as janelas do carro antes de partir. A conversa breve foi:

-Anda cheirando muito mal aqui pros lados da rodoviária.

Disse o motorista.

-Nem me fale em cheiros. Estou traumatizado.

Respondi.

- Sim sou batizado. Batizado e crismado. Semana que vem faz 62 anos.

Observou.

Ainda bem que chegamos. Essa conversa não ia acabar bem. Senti uma ponta de desdém naquelas palavras. Ao descer do carro, o homem me desejou saúde. Não entendi bem a colocação. Quando entrei na Igreja o pastor não me recebeu. Um menino sorrindo disse para eu sentar em uma cadeira na nave da Igreja e esperar a reunião acabar. Antes

de sair, abriu todas as janelas. A reunião acabou depois das 09:00 pm. O pastor foi o único a vir me encontrar. Os outros foram, rapidamente embora. Estranhei isso. Gente do interior não estar curiosa em conhecer o grande pregador, estranho, muito estranho. Deve ser insegurança, talvez timidez, pensei.

- Como foi a viagem? Andam dizendo por aí que foi uma grande e cheirosa viagem.

Falou e me olhou com cara de gozador.

- Desculpe, não entendi.

Fiz-me de rogado.

- Deixa para lá. Você deve estar com fome, ou ainda está se sentindo mal? Uma pizza agora, será que faria bem, ou prefere ir até a casa de minha mãe e eu peço para ela preparar uma sopa bem leve?

Continuou a me gozar.

- Olha pastor, eu quero comer pizza.

Falei com firmeza.

- Tudo bem, a barriga é sua.

Fomos à pizzaria rodízio e “delivere” (está assim na placa) da Mama Genoveva, em algum lugar da cidade. Acho que comi uns oito pedaços de pizza no rodízio. Exagerei mesmo. De propósito. O garçom (que também era caixa e ajudava a montar as pizzas) adorou me servir, pois não parava de sorrir enquanto me servia. Estava com raiva e pensei: “Esse cara não sabe com quem está falando” em relação à gozação do pastor. Ah! Também tomei uma Coca Cola de dois litros, sozinho. O gozador de meia pataca não gosta de Coca.

Durante o jantar, se é que se pode chamar aquilo de jantar, perguntei o motivo da reunião da diretoria:

- Foi bom você tocar nesse assunto. Acontece que a cidade inteira está sabendo da indisposição intestinal que você teve no ônibus e do assédio à Matilde, vindo para cá no Santa Edwirges. Um dos membros de nossa igreja, o Aquino estava no ônibus e contou para todos os irmãos, via celular.

Bem que eu notei uma carinha cheia de sorrisos no motorista de táxi, no garçom da pizzaria e até no menino, lá na igreja. Que vergonha, meu Deus. Como o Senhor permitiu uma coisa dessas? Perguntei ao divino. Foi nessa hora que me veio uma idéia à mente e achei que era a tardia providência de Deus:

- Olha pastor: houve um grande mal entendido por causa daquela anta da D. Elisabeth e desse desavergonhado fofoqueiro do Aquino. Ela soltou os traques e depois colocou a culpa em mim. Não houve assédio algum e nem poderia ter havido. E o azarento ligou do celular e deu o serviço. Preciso limpar minha barra e você precisa me ajudar.

- Muito difícil. A Matilde, a quem você insiste em chamar de Elisabeth, a mulher gordona que acusou você no ônibus, é a mãe do Rodrigues, nosso principal diácono ( o melhor doador da igreja). O Aquino é o irmão do Rodrigues. Na reunião da diretoria ele colocou o cargo à disposição dizendo que se eu não dispensar você de pregar amanhã, ele vai para a Igreja do Evangelho Quadrangular. Infelizmente a Igreja contraiu várias dívidas com a última reforma e a compra de alguns instrumentos musicais e não poderemos abrir mão do dízimo do Rodrigues, de jeito nenhum. Assim, só nos resta uma saída, colocar você no primeiro ônibus de volta para Sorocaba. Para nosso azar maior, só haverá um amanhã às 08:00 am. Se houvesse algum hoje, você iria embora agora mesmo.

- Só um detalhe, no Santa Edwirges eu não viajo nunca mais, e outra, a mulher balofa tem cara de Elisabeth e o Aquino com aquele celular ridículo não é chegado a banho.

- Fique tranqüilo, você irá de Casquel, descerá na rodovia Castelo Branco, na altura de sua cidade, e pegará o Cometa, do outro lado da pista, em direção a Sorocaba. É Tudo que posso fazer.

- Espera ai. Você está me dizendo que passei todo esse constrangimento por nada?

- Por nada mesmo. Nem a oferta que estava separada para você existe mais. A diretoria decidiu por unanimidade que você é problema meu e pessoal. Eu estou na tanga. A única coisa que poderei fazer será pagar-lhe a passagem de volta. Nem a passagem da vinda poderei re-embolsar-lhe, agora. Você precisará esperar umas duas semanas quando mandarei algum dinheiro para cobrir isso.

- E como vai ficar amanhã? Quem pregará em meu lugar?

- Nós temos dois vídeos e escolheremos um deles para colocar no telão.

- Vídeo, de quem?

- Um é do Fed e o outro do Gordim.

- Eu sabia, até aqui no meio desse Deus dará, eu perco minha única oportunidade, em dois anos, para fazer uma palestrinha e justo para quem? Maldição! Ainda bem que você não tem nenhum vídeo do Brado ou do Tonicodemus.

- De quem?

- Nada, deixa para lá.

Sáímos da pizzeria na moto Honda 125 do pastor, com mochila, maleta e o pacote da Maire. O pastor e a Maire estão divorciados. Tive que trazer o presente de volta para Sorocaba. Ele me levou ao Hotel do Homero Borracha, um senhor de quase oitenta anos que foi goleiro do Azareense, há cinqüenta anos atrás. Quando fui descer da moto, precisei levantar a perna demais e, adivinhe, escapou unzinho. Se o Pastor ainda tinha alguma dúvida, agora não tem mais nenhuma.

## *Tim tim por tim tim*

Lou on March 29th, 2007

### Último Ato – A volta

Domingo, levantei cedo. Pudera, não consegui dormir. Tive problemas intestinais à noite toda e além de tudo que aconteceu ontem, uma pergunta me martelava a cabeça: O que eu diria lá em casa? Mentir não daria. Chegaria cedo demais e ninguém acreditaria. Falar a verdade e quem acreditaria? Melhor seria preparar o terreno. Liguei para casa, às 7:15 am e ninguém atendeu. Claro, nessa hora quem atenderia?

Olhei pela janela do meu quarto do hotel e vi algumas pessoas caminhando. Cheguei a reconhecer algumas. Eram da Igreja. Provavelmente o pessoal que chega antes para arrumar as coisas. Inclusive o menino que cuida do som e do telão passou, também. Esse teria bastante trabalho. Pior é ouvir aquelas bobagens. Problema de quem opera esses vídeos é ter que escutar as mesmas asneiras repetidas vezes. Se não fosse aquela hipopótama e seu filho fedido, eles teriam tido uma grande palestra naquela manhã. Como pode? Cada uma que me acontece. Só faltou a mulher deitar em cima de mim em alguma curva, como aquela vez em que o velhinho de chapéu não conseguiu se segurar e sentou no meu colo, no ônibus, não teve forças para levantar e ficou ali, sentadinho enquanto eu ficava com cara de idiota servindo de cadeira para ele. Depois, quando digo que detesto ônibus, ninguém entende.

Sem grana, tratei de iniciar a caminhada rumo à rodoviária. Para completar, ela fica bem longe do hotel do Homero Borracha.

Às 08:05 am meu ônibus deixou aquela rodoviária horrorosa, naquela cidade provinciana com aquela igreja merreca, um pastor frouxo e tudo isso graças ao Bom Deus.

Antes de sentar em meu lugar, tomei todo o cuidado em observar se não tinha nenhuma gordona por perto e, mesmo assim, coloquei todas as minhas coisas no assento ao lado do meu para evitar que alguém que entrasse no meio do caminho sentasse ali. Durante a viagem senti ódio em pensar que o meu grande público estava, naquela altura, ouvindo mensagem do Fed ou sei lá de quem. Essa gente me persegue. Cê viu o post do Fed? Sabe que é, comecei a fazer faculdade e não está dando para comentar no seu, só lá na tigela. Vai lá ao site do Gordim, o post de hoje está espetacular. Carcamanos de uma figa!

Comecei a lembrar tudo, desde o começo, tim tim por tim tim. Não podia dar certo, mesmo. Auto Ônibus Viação Santa Edwirges!!! Nem lugar reservado os caras tem. Viajar quatro horas em um percurso que leva no máximo duas. Sentar com uma jamanta peidorenta feito a D. Elisabeth e ao lado de um sujismundo igual ao Aquino e seu celular maldito, essa praga dos nossos dias. Pregar em Azaré. Que “decadence”. O

Nietzsche tinha razão, como sempre. Negócio com esse tipo de gente é frio, sempre. Da próxima vez que pintar um convite igual, lembrarei da Elisabeth de Azaré.

A parte espiritual estava em ordem. Sempre que há uma viagem dessas, o grupo de oração da Igreja intercede em sistema de corrente, pelo menos durante uma semana. Pode ser que o anjo tenha se atrasado. Lembram do caso de Daniel? O Anjo dele arrumou uma briga no caminho com um demônio e atrasou três semanas, coitado. Enquanto isso, o infeliz ficou comendo aquelas coisas horríveis (verduras e legumes). Todos vocês sabem que o meu anjo é o Raniel e pontualidade não é bem o forte dele. Que ele não estava comigo durante a viagem, isso nós sabemos, resta saber qual será a desculpa dessa vez.

O fato é que sou um missionário grutense. Quando não é uma coisa é a outra. Eu estava em minha casa quietinho com minhas contas para pagar, sem trabalho, enfim esses detalhes que sempre nos atormentam, mas aos quais já estamos acostumados. Ai vem esse excomungado de Azaré e me faz viajar 360 kms, ter aquele relacionamento tempestuoso e mal cheiroso com a Elisabeth, o Aquino, o Rodrigues, passar uma noite naquela espelunca do Homero Borracha, comer pizza que também parecia ser feita de borracha e voltar com menos grana no bolso do que sai. Pode?

Cheguei em casa às 12:00 pm. Apavorado por não saber o que iria dizer ao pessoal. Mas não havia ninguém em casa. Quando entrei, só um recado, no lugar onde costumamos deixar os recados. Dizia assim:

- Fomos almoçar no Buon Gustaio (o melhor restaurante de Sorocaba) . Tem pizza de ontem na geladeira, é só esquentar no micro-ondas. Na volta eu explico. Não fique bravo.

A letra era da minha esposa. Fiquei muito bravo, mas essa história eu conto outro dia, ou não.

Assim terminou minha missão a Azaré. Esse livro não será cogitado para o cânon bíblico.

PS: Atenção: Os personagens dessa ficção são todos fictícios. Qualquer semelhança será mera coincidência. Será?

Se alguém tiver coragem para ler o texto na íntegra ou fazer o download, sei lá para que, há um link ao lado para tanto. Aliás, estive ai o tempo todo e completo, mas o pessoal não olha...

Da série: Missões em Azaré

[Lindos campos, rios e montanhas](#)

[Santa Edwirges, rogai por nós](#)

[Dona Elisabeth, afastai de nós](#)

[Vou de Mototaxi](#)

Tim tim por tim tim